

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER  
Curso de Bacharelado em Jornalismo

AMANDA ZANLUCA DA SILVA

**ANOS QUE EU VIVI: MEMÓRIAS DAS MULHERES PARANAENSES SOBRE A  
DÉCADA DE 1960**

CURITIBA

2022

**AMANDA ZANLUCA DA SILVA**

**ANOS QUE EU VIVI: MEMÓRIAS DAS MULHERES PARANAENSES SOBRE A  
DÉCADA DE 1960**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do grau de bacharel em Jornalismo  
ao Centro Universitário Internacional UNINTER.

Orientadora: Profa. Dra. Karine Moura Vieira

CURITIBA

2022



## Curso de Bacharelado em Jornalismo

*Ata de Banca de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso*

Aos 01 dia do mês de junho de 2022 realizou-se a banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Amanda Zanluca da Silva, portador do Registro Uninter 2173527 do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de defesa, na modalidade produto, sob o título Anos que eu vivi: Memórias das mulheres paranaenses sobre a década de 1960 e orientação da professora Karine Moura Vieira, foi apreciado pelos seguintes membros da banca avaliadora:

Examinadora 1: Dra. Marcia Boroski

Examinador 2: Dra. Máira Nunes

Após a conferência do trabalho e considerando a média das notas atribuídas pelos professores examinadores nas fichas de avaliação, atribuiu-se a seguinte nota: 10

Sendo assim, considerou-se o estudante aprovado.

Assinam os seguintes participantes:

Orientador/a: *Karine Moura Vieira*

*Marcia Boroski*  
Examinador/a 1:

*Máira de Souza Nunes*  
Examinador/a 2:

*Amanda Z. da Silva*  
Estudante:

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a produção de um livro-reportagem sobre as memórias de mulheres que viveram durante a década de 1960 no Estado do Paraná. Por intermédio, de doze entrevistas realizadas com personagens de todos os âmbitos, classes sociais e regiões do estado que viveram essa época, esta obra propõe-se a remontar o cenário em que as personagens estavam inseridas e contar a história sob a perspectiva feminina. O trabalho pretende contribuir para romper o espaço de silêncio sobre as narrativas femininas, buscando um olhar sobre a década a partir das histórias de vida dessas mulheres. Para tanto, foram utilizadas pesquisas de campo, bibliográfica, documental e jornalística para a produção deste trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres paranaenses; Década de 1960; Paraná; Livro-reportagem; Narrativas femininas.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>2 CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIARCADO.....</b>	<b>10</b>
2.1 MULHERES VERSUS ESCRITA.....	11
<b>3 JORNALISMO.....</b>	<b>14</b>
3.1 LIVRO-REPORTAGEM.....	15
<b>4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....</b>	<b>19</b>
4.1 PRÉ-PRODUÇÃO.....	19
4.2 PRODUÇÃO.....	22
4.3 PÓS-PRODUÇÃO.....	24
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>
<b>APÊNDICE A - Modelo de questionário.....</b>	<b>31</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na década de 1950, o Brasil vivia o famoso "anos dourados", como ficou conhecido pelos importantes marcos e mudanças que ocorreram nas áreas das artes, comunicação, urbanização, educação e transformações socioeconômicas. Essas mudanças faziam parte das políticas internas do governo de Juscelino Kubitschek que mantinha o slogan de "50 anos em cinco", como forma de evidenciar o otimismo na nação. Sendo um governo que também possibilitou as mulheres começarem a participar do mercado de trabalho e expandir seu nível de escolaridade (BASSANEZI, 2014 apud SANTOS, 2016). Entretanto, esse amplo progresso que vinha acontecendo, não se sucedeu até o fim da década seguinte (1960), em que o país passou por um retrocesso ficando conhecido como os "anos de chumbo", devido ao período da Ditadura Militar.

Ainda, no início da década de 1960, a perspectiva da cultura e do imaginário social eram de que o Brasil continuaria a caminhar para se tornar uma nação moderna. Visto que, as mudanças ocorridas até então, como a inauguração da nova capital do país, Brasília, as transformações no comportamento e em diferentes setores da economia, a modernização do parque industrial, além de um aumento da participação da população em relação às questões sociais e políticas, validavam essa perspectiva positiva. Porém, com o início da Ditadura Militar em 1 de Abril de 1964, o Brasil passou a viver um dos períodos mais sombrios com um sistema repressor que durou 21 anos.

Ainda, no final da década de 1960, o regime se tornou mais endurecido, deixando a década marcada pelo Ato Institucional Nº 5, mais conhecido como AI-5, instaurado no país a partir de 1968. Por meio dele, o Congresso Nacional poderia ser fechado - o que ocorreu no mesmo dia em que o decreto foi sancionado -, além de autorizar o presidente a tomar outras medidas como ordenar estado de sítio, cassar direitos civis e individuais de personalidades públicas, políticos e de qualquer cidadão; ainda, censurar a imprensa e utilizar a tortura como método de punição aos presos políticos.

Também é a partir da década de 1960 que a participação da mulher no mercado de trabalho e no complemento da renda familiar se torna mais intensa que na década anterior. Como afirma Angélica Franco, "pensando no Brasil, poderíamos dizer que entre os anos 1960 e 1990 houve um grande avanço. Da década de 1990

para cá, o termo mais exato para descrever esta evolução seria “gradual”. Em 1960, a taxa de ocupação de mulheres, divulgada pelo IBGE, era de 16,5%. Esse índice passou para 43,4% em 1992 e, em 2009, a taxa foi de 46,8%. Ou seja, o número de mulheres ocupadas cresceu nestes 50 anos, principalmente entre 1960 e 1990”. (FRANCO, 2015).<sup>1</sup>

Se no começo dos anos 1960 a mulher estava inserida em uma sociedade progressista, tendo como um dos marcos, a segunda onda do feminismo - que marca a luta pelos direitos reprodutivos e liberdade sexual -, e o advento da pílula anticoncepcional (1962), é a partir da Ditadura Militar (1964), que as mulheres precisam assumir uma postura ativista e se juntarem a outros movimentos para lutar pela liberdade e democracia no país. Visto que, nos anos 1960, era necessário buscar uma revolução e transformação social e política (VARGAS et al. 2014). Assim, “para a geração dos anos 60, era preciso mais do que estudar, trabalhar, namorar; era preciso viver a política, que se refletia em todas as instâncias sociais, incluindo as universidades, as empresas, a cultura de maneira geral”. (VARGAS et al. 2014, p. 82).

Ainda, segundo Vargas (2014, p. 84), as mulheres que vivenciaram os “anos de chumbo”, mostram através de suas vivências que, antes mesmo do Brasil, enfrentar um dos momentos mais sombrios, no qual, todos(as) precisavam lutar contra um sistema opressor, elas já enfrentavam uma ditadura familiar. Ou seja, as mulheres que viveram durante a década de 1960, precisavam lutar contra as repressões de dentro e fora de casa. Fosse se impondo ao arranjo de um casamento, se rebelando internamente, lutando para ser independente ou tentando mudar de vida, eram esses os atravessamentos que aconteciam na vida dessas mulheres que viviam opressões de classe, gênero e, às vezes, de raça, tanto na esfera familiar quanto na pública.

As vivências das mulheres em diferentes tempos costumam ser frequentemente abordadas pela mídia em diversos formatos como, por exemplo, na série animada “Mulheres Fantásticas”<sup>2</sup>. Produzida pelo programa Fantástico, da

---

<sup>1</sup> A entrevista pode ser conferida em:

<https://epoca.oglobo.globo.com/ideias/noticia/2015/03/angelica-francoo-maior-trunfo-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho-e-bqualificacaob.html>

<sup>2</sup> A série “Mulheres Fantásticas”, está disponível em:

<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/12/01/mulheres-fantasticas-reveja-as-historias-exibidas-nos-episodios-da-1a-temporada-da-serie.ghtml>

Rede Globo, a série conta a história de personagens femininas que são exemplos por transformarem o mundo ao seu redor.

Entretanto, como parte do processo inicial deste projeto, ao realizar a busca por produtos jornalísticos semelhantes e, em específico, por livros que tratassem da mesma temática, não foram localizados com a mesma frequência materiais jornalísticos que foquem nas vivências de mulheres que viveram as transformações da década de 1960 no Brasil. Muito menos ainda, há produções como livro-reportagens que abordem as vivências de mulheres paranaenses que viveram essa década no estado.

Levando em consideração, essa baixa produção de materiais jornalísticos a respeito da temática, o presente trabalho tem como objetivo apresentar a produção de um livro-reportagem sobre as vivências de mulheres que viveram na década de 1960 no Estado do Paraná.<sup>3</sup> Com o objetivo de remontar o cenário em que as personagens estavam inseridas, contar a história sob a perspectiva feminina, além de romper o espaço de silêncio sobre as narrativas femininas, buscando um olhar sobre a década a partir das histórias de vida dessas mulheres.

Segundo indicadores da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) realizada no ano de 2019, no Brasil, a população feminina (51,8%) é superior à masculina (48,2%). Ou seja, as mulheres são mais da metade da população. Essa realidade também se repete no Estado do Paraná, onde segundo dados do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as mulheres (52,33%) também são maioria da população.

Embora esses dados apontem que a população feminina seja maior do que a população masculina, foi somente a partir do ano de 1988 que, essa inversão na proporção da população brasileira aconteceu. Sendo que, até a década de 1980, ainda predominava o sexo masculino como a maioria da população. Consequentemente, a história e marcos importantes como o período da Ditadura Militar no Brasil, em sua maioria, são contados e escritos pela perspectiva masculina. Até mesmo, o que se sabe sobre as mulheres que viveram esse período.

A falta de registros sobre a perspectiva feminina se deve pelo fato de que as mulheres que escreveram apenas tiveram seus trabalhos divulgados recentemente. Segundo Tedeschi (2016), “as mulheres, sem dúvida, participaram/participam da produção histórica e literária, mas pela “porta dos fundos”, assim como em todos os

---

<sup>3</sup> O livro-reportagem pode ser conferido em: <https://amandazanlucasilva.wixsite.com/anosqueeuvi>



setores da vida produtiva e ativa das sociedades” (2016, p. 154). Hessmann, também defende que há um escasseamento em relação aos trabalhos que abordam sobre as mulheres no período da ditadura.

Especialmente com a metodologia da História Oral interessantes estudos foram e estão sendo realizados analisando a participação da mulher no período ditatorial. Estudos que mostram mulheres comunistas, militantes, guerrilheiras, que se posicionaram contra o regime direta ou indiretamente. Por outro lado, são ainda escassos os trabalhos que abordam as mulheres que apoiaram, defenderam e colaboraram com a ditadura. (HESSMANN, 2010, p. 01).

A partir desse contexto, a produção do livro-reportagem conta com a realização de entrevistas com 12 mulheres paranaenses de todos os âmbitos, classes sociais e regiões do estado - a fim de tornar este trabalho o mais plural possível. Sendo assim, são mulheres acima dos 70 anos e que viveram durante a década de 1960 no Estado do Paraná. Por pertencerem ao grupo considerado de risco do coronavírus e, ainda, algumas se encontrarem em outras localidades do Estado, todo o processo, desde localizá-las até realizar as entrevistas, precisou ser feito remotamente. Além do depoimento de cada uma das personagens, ainda, foi realizada uma pesquisa, para selecionar acontecimentos que tiveram destaque durante o que é considerado como “anos de chumbo”.

Neste relatório monográfico, que se apresenta em quatro capítulos, além desta introdução, também foram abordados temas pertinentes como no segundo capítulo, que traz uma contextualização sobre a temática escolhida abordando os temas pertinentes a esta pesquisa como: construção social do patriarcado, e mulheres versus escrita. O capítulo três traz a conceituação sobre o jornalismo e o livro-reportagem, produto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), utilizando os autores Lima (1995), Belo (2006), e Rocha e Xavier (2013).

Já o capítulo quatro refere-se a proposta do produto e apresenta a metodologia e processos utilizados neste projeto que inclui as pesquisas de campo, bibliográfica, documental e jornalística. Baseada em autores como Gil (2002), Aragão (2016), Lage (2001) e Belo (2006). Ainda, este capítulo traz a descrição do produto destacando cada processo de produção. Por fim, o sexto capítulo apresenta as considerações finais.

## 2 CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PATRIARCADO

"Com frequência, fala-se que vivemos sob uma ordem patriarcal, machista e, sobretudo, excludente. Mas o que é, exatamente, uma sociedade patriarcal?" (RIBEIRO, 2020, p. 32). Essa expressão tem sido cada vez mais utilizada principalmente como tópico para debates para tratar sobre temáticas como equidade de gênero. Mas apesar de não ser um termo recente, ao longo do tempo o conceito de patriarcado vem se transformando e ganhando novos significados. Para entendermos o conceito de patriarcado, neste trabalho, será utilizado as definições das teóricas Tiburi (2018) e Saffioti (2004).

De acordo com Tiburi (2018), o patriarcado é o sistema social vigente, fundamentado em uma ordem econômica, social e política que privilegia alguns grupos e coloca outros à margem. Os privilegiados, nesse caso, são os homens, pois vivemos em uma sociedade machista, e é a partir deles que os valores de mundo são impostos às mulheres. (TIBURI, 2018 apud RIBEIRO, 2020, p. 33).

Já para Saffioti (2004), o "conceito de patriarcado, que, como o próprio nome indica, é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens." (SAFFIOTI, 2004, p. 44). A autora, que considera o patriarcado como um fenômeno recente, indica que no Brasil esse sistema estaria ligado ao capitalismo e presente em todas as esferas da sociedade. Ou seja, o patriarcado é um sistema enraizado nas sociedades capitalistas, assim como no nosso país, no qual se valoriza o poder do homem sobre a mulher e, por isso, a autora afirma que "as brasileiras têm razões de sobra para se opor ao machismo reinante em todas as instituições sociais, pois o patriarcado não abrange apenas a família, mas atravessa a sociedade como um todo". (SAFFIOTI, 2004, p. 47).

Assim como Saffioti (2004), Ribeiro (2020), ressalta que o conceito de patriarcado é ainda mais amplo e que também está diretamente conectado com o sistema capitalista (2020, p. 33). "O capitalismo cria uma ideologia de que as oportunidades são iguais para todos. No entanto, a existência e a manutenção desse sistema só são possíveis com a produção de desigualdades." (RIBEIRO, 2020, p. 33). Nesse sentido, a ideologia de meritocracia acaba por elucidar a desigualdade social por meio de uma falsa ideia de igualdade. "Da mesma forma,

homens e mulheres não competem em condição de igualdade [...]" (RIBEIRO, 2020, p. 34).

Um sistema que não é recente e que é resultado de um longo processo histórico, é o que afirma a autora Gerda Lerner no livro "A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens". Ao atravessar 2600 anos de história humana, a autora apresenta como em cada uma das fases civilizatórias o patriarcado acaba por se recriar e remodelar na sua forma de se manifestar (LERNER, 1986/2019).

[...] O patriarcado não é estático e está em permanente transformação, mas permanece como uma ferramenta teórica poderosa para compreender o sistema de exploração e dominação dos homens sobre as mulheres. Da mesma forma, o feminismo não é estático e, em um jogo dialético com a noção do patriarcado, assume diferentes contornos. (RIBEIRO, 2020, p. 36).

Por meio da doutrinação, negação das mulheres sobre sua história, privação da educação e outros recursos, o patriarcado permanece funcionando com a cooperação das mulheres que acabam internalizando essa ideia de inferioridade no processo de subordinação. (LERNER, 1986/2019). Nesse mesmo sentido, "as consequências do patriarcado são denunciadas por Simone de Beauvoir como que permeando todas as relações que colocam a mulher em um segundo plano." (RIBEIRO, 2020, 81-82). Simone de Beauvoir também aponta que "o opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos". (BEAUVOIR, 2005, p. 82 apud LOURENÇO; MENDONÇA, 2018, p. 540).

## 2.1 MULHERES VERSUS ESCRITA

Tedeschi (2016) associa o silêncio das mulheres na história a fatores como o discurso hegemônico do patriarcalismo e a escrita e o saber serem usados como forma de dominação. Visto que, essas eram consideradas ferramentas exclusivas do espaço masculino. O autor ainda aponta que os(as) historiadores(as) que buscam estudar a história da escrita feminina, encontram uma primeira dificuldade com o que pode ser denominado de "natureza masculina" ou androcentrismo da História. (TEDESCHI, 2016).

Escrever a história das mulheres? Durante muito tempo foi uma questão incongruente ou ausente. Voltadas ao silêncio da reprodução materna e doméstica, na sombra da domesticidade que não merece ser quantificada nem narrada, terão mesmo as mulheres uma história? (PERROT; DUBY, 1990, p. 7 apud TEDESCHI, 2016, p. 153).

A invisibilidade das narrativas históricas das mulheres também é evidenciada pela poetisa paranaense Alice Ruiz (s/d), que afirma: “a história foi feita pelos homens. E escrita por eles. Aliás, tudo foi escrito, analisado, estudado pelos homens. Inclusive as mulheres. Quer dizer, tudo que se fala e sabe sobre mulher foi dito pelos homens”. Além do silenciamento e apagamento da escrita de autoria feminina, Ruiz (s/d) afirma ainda que “somos o que vocês disseram que somos. Em outras palavras, até o conceito de mulher é masculino, ou era, até recentemente. Os critérios são a visão do homem.” (RUIZ, s/d apud MURGEL, 2006, p. 06).

Com a Guerra Fria que intensificou as posições políticas contrárias, os países latino-americanos sofreram impactos e ficaram marcados a partir da década de 1960 pelo avanço dos regimes militares (RIBEIRO, 2020). Foi diante desse cenário que muitos movimentos sociais, bem como o feminismo, estavam inseridos. Sendo o movimento feminista dividido por "ondas", Ribeiro (2020), explica que na chamada “segunda onda” - que começa a partir de 1960, período que os países latino-americanos enfrentaram regimes ditatoriais -, a luta era para superar as instituições sociais na busca de outras possibilidades de existência. Ainda, o autor afirma que, "foi um momento de se opor à ordem social e cultural, negando instituições como a família e a religião, bem como os padrões morais que organizavam a sociedade do pós-guerra." (RIBEIRO, 2020, p. 88).

Em sociedades patriarcais, o lugar que tem sido imposto às mulheres é o espaço privado. Um espaço marcado pelo silêncio e que é considerado pela sociedade patriarcal como um atributo feminino. E pelo fato da escrita e o saber estarem relacionadas ao poder, foram usadas como ferramentas para dominar e omitir determinadas vozes que tentavam romper o silêncio que era imposto. (TEDESCHI, 2016). Dessa forma, “a história das mulheres narra e revela uma história do silêncio, uma história do confinamento, mais do que do esquecimento”. (TEDESCHI, 2016, p. 155).

A autora, Virginia Woolf (1938/2019), também alega que existe um estreito vínculo entre masculinismo e militarismo, patriarcado e regimes ditatoriais, além de

também ressaltar sobre o universo da escrita ser uma ferramenta restrita ao espaço masculino.

Passamos todas essas eras supondo que os homens fossem todos igualmente industriais e que suas obras tivessem, todas, o mesmo mérito. Enquanto trazíamos crianças ao mundo, eles, supúnhamos, traziam ao mundo os livros e as pinturas. Nós povoávamos o mundo. Eles o civilizavam. Mas agora que sabemos ler, o que nos impede de julgar os resultados? Antes de trazermos outra criança ao mundo, devemos jurar que iremos procurar saber que mundo é esse. (WOOLF, 1938/2019, p. 11).

O ato de narrar, relatar e determinar significados na história, desde sempre tem sido uma tarefa delegada e feita pelos homens. Consequentemente, a trajetória de muitas mulheres/escritoras no universo da escrita tende a ser penoso. (TEDESCHI, 2016). "Muitas foram as mulheres que, embora com a "pena em riste", não puderam se expressar e tiveram sua obra e sua intelectualidade sujeitas ao Outro, ao sujeito masculino." (TEDESCHI, 2016, p. 155).

Diante dessa consciência, se torna necessário conhecer, falar, apresentar e dar espaço à participação das mulheres para que elas também possam narrar e contar as (suas) histórias. É por isso, que este livro-reportagem que, é escrito por uma mulher e sobre mulheres, apresentará por meio da produção feminina, uma nova perspectiva que foge do discurso e pensamento masculino. Por isso, este trabalho não tem como objetivo preencher uma lacuna ou ainda, complementar o discurso masculino por meio da narração da história pela voz feminina. Pelo contrário, com essa escrita, a autora pretende ser uma referência diferente e que transcende as suas amarras de gênero.

### 3 JORNALISMO

Segundo Pena (2005, p. 21), o jornalismo está relacionado a um dos desejos mais perenes do ser humano: o de querer “estar presente em vários lugares ao mesmo tempo e saber de tudo que se passa nos mais diversos contextos”. Sentimos a necessidade de estar informado a respeito do que está acontecendo como forma de conseguir se prevenir, controlar os acontecimentos e evitar a queda no desconhecido. Afinal, o desconhecido é um dos medos do homem e nisso se encontra a natureza do jornalismo.

[...] Afirimo que a natureza do jornalismo está no medo. O medo do desconhecido, que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer. E assim, ele acredita que pode administrar a vida de forma mais estável e coerente, sentindo-se um pouco mais seguro para enfrentar o cotidiano aterrorizante do meio ambiente. Mas, para isso, é preciso transpor limites, superar barreiras, ousar. Entretanto, não basta produzir cientistas e filósofos ou incentivar navegadores, astronautas e outros viajantes. Também é preciso que eles façam os tais relatos e reportem informações a outros membros da comunidade que buscam a segurança e a estabilidade do “conhecimento”. A isso, sob certas circunstâncias éticas e estéticas, posso denominar jornalismo. (PENA, 2005, p. 23).

O jornalismo é considerado como "uma atividade relativamente nova na sociedade" (BONA, 2017, p. 38), que deslanchou com a prensa de Gutenberg possibilitando que as notícias pudessem ser distribuídas a uma quantidade maior de pessoas. Mesmo com a passagem de uma cultura oral para a escrita, a invenção dos tipos impressos e o nascimento de variados veículos de comunicação que possibilitaram o surgimento do jornalismo moderno, "a oralidade continuará sendo protagonista do processo jornalístico, não só na relação com as fontes como na configuração de novas tecnologias midiáticas". (PENA, 2005, p. 25). Além de que, mesmo com todas as mudanças, o jornalismo continua com o mesmo intuito de "reportar os fatos, informar, comunicar ao maior número de pessoas o que está acontecendo na sociedade da qual fazemos parte [...]. Contudo, além de informar, o jornalismo tem outras missões, como provocar a reflexão." (BONA, 2017, p. 39).

"Em resumo, a prática jornalística demanda pesquisa ativa; descoberta e checagem de informações referentes a fatos e acontecimentos; e, sobretudo, o relato destas a vários públicos, de maneira acessível, objetiva e direta." (BONA, 2017, p. 59). Ainda, o jornalismo é uma prática "empolgante para todas as pessoas

que almejam saber como os fatos se constroem e entender o enredo da vida cotidiana". (BONA, 2017, p. 57).

A informação é a matéria-prima do jornalismo e dependendo de como é usada pode ser considerada um objeto de poder. Por conta disso, buscar e checar os fatos nem sempre é uma tarefa agradável "para quem detém o poder e não quer dividi-lo, tanto que é comum os jornalistas serem comparados, por pessoas poderosas, a cães famintos ou a urubus, porque mostram a realidade crua". (BONA, 2017, p. 39). Para Pena (2005, p. 217), "o jornalismo é umas das profissões mais criticadas da atualidade. A imprensa vem perdendo credibilidade junto ao público e sofrendo ataques de diversos setores da sociedade". Mas para além da missão do jornalismo de disseminar a informação e o conhecimento, Bona ainda acrescenta que:

O bom jornalismo funciona como um professor que traduz as informações, por mais complicadas que sejam, para que todos consigam entendê-las. No entanto, antes dessa tradução, é necessária uma apuração cuidadosa, porque jornalismo que se preza lida com a verdade. (BONA, 2017, p. 40).

Bona (2017) apresenta ainda quatro características marcantes da atividade jornalística, sendo elas a responsabilidade, liberdade, verdade e a objetividade. Diante dessas características, podemos entender que o jornalismo que é cuidadoso e levado com a devida importância transmite confiança às pessoas. Dessa forma, "talvez possamos resumir o jornalismo como a busca constante e incansável pela verdade, ainda que saibamos que não existe uma só." (BONA, 2017, p. 63).

### 3.1 LIVRO-REPORTAGEM

Na obra "Em Páginas Ampliadas – o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura", o autor Edvaldo Pereira Lima, conceitua essa publicação jornalística como sendo:

Veículo de comunicação jornalística não-periódica, o livro-reportagem é um produto cultural contemporâneo, bastante peculiar. De um lado, amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevivência aos temas tratados pelos jornais, pelas revistas, emissoras de rádio e televisão. De outro, penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante viagem pelo conhecimento da contemporaneidade. (LIMA, 1995, p. 7, apud OLIVEIRA, 2006, p. 5).

O livro-reportagem possibilita um aprofundamento no tema estruturando o relato através de elementos narrativos. Sobre a origem desse produto jornalístico, Belo (2006) afirma que não há como dizer exatamente a data de nascimento do livro-reportagem, entretanto, é possível estimar um ponto de partida que seria na Europa do século XIX quando a reportagem em livro se tornou um subgênero forte na literatura.

"Por essa época, o jornalismo ainda não havia se tornado uma profissão como o concebemos hoje, embora alguns já tirassem dele seu sustento. Era uma atividade intelectual e política. Uma batalha de idéias." (BELO, 2006, p. 19). Não havia uma separação clara entre jornalismo e literatura, como temos hoje. Visto que "na Europa, sempre se praticou um modelo de jornalismo menos factual e mais autoral, interpretativo e muitas vezes opinativo." (BELO, 2006, p. 19). Belo (2006) também define o livro-reportagem como:

[...] Um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica - com a exceção possível do documentário audiovisual - em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa. (BELO, 2006, p. 41).

No Brasil, a série de retratos intitulada de "Os Sertões" do jornalista Euclides da Cunha, produzido em 1897 para O Estado de S. Paulo, é considerado como uma das pioneiras do gênero livro-reportagem (BELO, 2006). Já no século XX, outro grande nome que "combinou literatura com técnicas de reportagem moderna - como o questionamento de fontes e descrições detalhadas de ambientes e pessoas" (BELO, 2006, p. 31), é Paulo Barreto, ou como é mais conhecido pelo seu pseudônimo de João do Rio. "De Euclides e João do Rio até hoje, a interação entre literatura e jornalismo sempre foi grande no Brasil. As condições para o nascimento dos dois gêneros ocorreram de forma simultânea." (BELO, 2006, p. 31).

Sendo considerado um complemento aos meios de comunicação, não há como falar em livro-reportagem sem falar de reportagem e jornalismo. Para Belo (2006) a "forma, conteúdo e, em especial, dimensão consistem no conjunto de características que diferencia o jornalismo em livro do praticado em outros meios."



(p. 41). De acordo com Lima (1995), citado por Rodrigues (2010), há três aspectos em que o livro-reportagem se aprofunda sendo elas: “quanto ao conteúdo, pois trata de assunto em que a veracidade é fundamental; quanto ao tratamento: linguagem, montagem e edição de texto e quanto à função: informar, orientar e explicar”. (LIMA, 1995, p. 30 apud RODRIGUES, 2010, p. 19).

Além de ser visto como um "instrumento mais rico para o exercício da profissão" (BELO, 2006, p. 41), "uma das características mais marcantes do livro como veículo jornalístico é o mergulho profundo nos fatos, personagens, situações." (BELO, 2006, p. 42). Para a produção do livro-reportagem os procedimentos metodológicos são semelhantes à produção de uma grande reportagem como apontam Rocha e Xavier (2013):

[...] Alguns pontos que envolvem o processo de produção desse suporte específico, considerando desde a seleção do tema (pauta) que será reportado, os conceitos de noticiabilidade envolvidos nesta etapa, passando pela apuração (pesquisa, documentação, entrevista, observação e checagem), construção do texto (linguagem, estrutura, formato, contextualização e verificação), edição, até a veiculação. A verificação é um elemento presente em todas as etapas da elaboração do livro-reportagem. (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 142).

Rocha e Xavier (2013) também apontam para a observação da escolha de fontes que irão ajudar a construir o livro-reportagem e da busca em "sair do procedimento convencional de tratar apenas com fontes confiáveis e trabalhar com a fonte como sujeito do próprio discurso." (2013, p. 150). “O livro-reportagem necessita de um maior número de fontes na obtenção de dados e informações para tratar do tema. Além disso, ele permite usar mais livremente fontes inanimadas [...]” (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 150). As autoras citam ainda que a "humanização, ou seja, aproximar dados e informações do leitor, fazendo o movimento de deslocamento de algo universal para o âmbito particular ou pessoal, ou do abstrato para o concreto" (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 150-151), é outro método que pode ser adotado na produção de um livro-reportagem.

Um dos critérios para se ter um livro-reportagem de qualidade é ter em mente a importância da apuração, considerada a essência do jornalismo (BELO, 2006). Além de que "o caráter documental e o volume de informações necessário exigem um compromisso muito grande com a exatidão e com a compreensão dos dados recolhidos." (BELO, 2006, p. 86). Ainda, segundo Belo (2006), algumas das

vantagens de o jornalista organizar os dados é a de ter mais clareza para passar o assunto e o texto fluir mais facilmente. O autor também afirma que "profissionais experientes e organizados sabem que determinadas reportagens "se escrevem sozinhas" justamente por estarem bem apuradas e consolidadas na cabeça de quem as faz." (BELO, 2006, p. 86-87).

Belo (2006) destaca ainda as etapas necessárias para a construção de um bom livro, que são compostas pela pauta, projeto, apuração, texto e edição. O autor, ainda, aconselha os jornalistas a como construir um livro-reportagem bem trabalhado e com qualidade:

[...] Primeiro, o jornalista tem de encontrar um tema atrativo, durável e extenso o bastante para justificar a publicação; em seguida, fazer uma pauta e elaborar um projeto de como tratar o assunto; depois dar a partida em um rigoroso processo de apuração, para arrematar tudo isso com um texto bem trabalhado, denso, cheio de informação e ao mesmo tempo de fácil assimilação. (BELO, 2006, p. 67).

Por ser um livro-reportagem, o produto escolhido e desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, foi seguido todas as etapas apontadas por Belo (2006) na elaboração deste livro-reportagem que busca contar através de relatos as vivências das mulheres que viveram no Paraná durante a década de 1960.

## 4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

### 4.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Para o presente trabalho, que tem como objetivo apresentar a produção do livro-reportagem que narra as memórias de mulheres paranaenses que viveram a década de 1960 no Estado, foram utilizados os procedimentos de pesquisa de campo, através do uso de formulário online que, além de servir como uma pré-entrevista, ajudou com a obtenção de informações e dados sobre a vida dessas paranaenses; pesquisas bibliográficas, pesquisas documentais e a pesquisa jornalística.

Desta maneira, o trabalho partiu da pesquisa bibliográfica, consultando materiais já disponíveis acerca do assunto, como periódicos, livros, revistas, artigos científicos e reportagens. Como considera Gil (2001), uma das principais vantagens da pesquisa bibliográfica estaria justamente em possibilitar ao pesquisador o encontro de uma ampla gama de fenômenos.

Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre população ou renda per capita; todavia, se tem a sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos. (GIL, 2002, p. 45).

Além da pesquisa bibliográfica, também utilizou-se para desenvolver este trabalho a pesquisa documental que trabalha com fontes diversificadas e dispersas. Ainda, segundo Gil (2002, p. 45), "a diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes". Buscando embasar a pesquisa através de documentos disponíveis em acervos físicos e digitais, órgãos públicos, associações científicas, instituições privadas, documentos pessoais, entre outros. O autor, ainda afirma:

Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. (GIL, 2002, p. 45).

Dessa forma, para a produção deste trabalho, propôs desenvolver-se a pesquisa através da coleta de informações e dos relatos das personagens que deram forma à estrutura do livro-reportagem. Utilizando o gênero textual de relato pessoal que, segundo Andreia Doria Aragão, tem como funcionalidade ser “capaz de proporcionar ao autor a materialização de seus pensamentos sobre as coisas do mundo”. (ARAGÃO, 2016, p. 11). A autora também apresenta características positivas ao se utilizar esse gênero textual.

[...] Destacamos que o gênero relato pessoal agrega em sua composição constitucional, características favoráveis à construção de situações comunicativas, capazes de comover e convencer o leitor sobre determinadas experiências vividas. Tais experiências podem apresentar variantes sóciohistóricas relevantes e associáveis ao cotidiano dos espectadores, promovendo mudanças significativas dentro de contextos semelhantes aos que se inserem os autores dos enunciados. (ARAGÃO, 2016, p. 13).

Por ser um produto jornalístico, este trabalho também contou com processos jornalísticos como a produção de pauta, apuração de documentos e dados, busca e seleção de fontes, técnicas de entrevista e a decupagem do material para compor os depoimentos. Indo além de apenas ter um bom texto como resultado de ter seguido o roteiro de apuração, para Lage (2001), a reportagem, assim como a pauta, também seria muito dependente de quem a executa:

O trabalho de reportagem não é apenas o de seguir um roteiro de apuração e apresentar um texto correto. Como qualquer projeto de pesquisa, envolve imaginação, insight: a partir dos dados e indicações contidos na pauta, a busca do ângulo (às vezes apenas sugerido ou nem isso) que permita revelar uma realidade, a descoberta de aspectos das coisas que poderiam passar despercebidos. (LAGE, 2001, p. 15).

Entretanto, antes de chegar à etapa da reportagem, foi preciso se utilizar da ferramenta de administração montando um planejamento em que foram definidos as metas, métodos e ações necessárias para atingir o objetivo proposto neste trabalho. Levando em consideração que, "um bom planejamento começa com uma pesquisa preliminar que assegure um conhecimento mínimo, porém sólido, do assunto. [Sendo que a] pesquisa irá tornar-se, depois, mais extensa e acurada para sustentar a apuração do tema e a montagem do texto." (BELO, 2006, p. 79).

Lage (2001), também afirma que o planejamento tem todas as vantagens e que “garante interpretação dos eventos menos imediata, emocional ou

intempestiva”. Além de diminuir as chances de colocar os esforços em uma atividade improdutiva e gerir os “meios e custos a serem utilizados ou investidos numa reportagem”. (p.16).

Sendo a entrevista uma das etapas primordiais no desenvolvimento de qualquer trabalho jornalístico, Lage (2001), se refere a essa etapa como "o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo." Ainda, o autor afirma que a entrevista “é uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos”. (LAGE, 2001, p. 32).

Dentre as diversas opções que existem hoje para a realização da entrevista, como presencialmente ou por meio da tecnologia, por meios como telefone ou e-mail, o jornalista deve ponderar que "quando uma entrevista tem muita importância para o relato, sempre ficará melhor se for realizada pessoalmente. Isso dá ao autor a possibilidade de observar o gestual, o comportamento, o modo de viver daquela fonte.” (BELO, 2006, p. 101). Além de que “o contato direto também aproxima as fontes um pouco mais da sinceridade.” (BELO, 2006, p. 101). Sendo assim, será por meio das entrevistas que será possível se aprofundar no tema escolhido e fundamentar o trabalho através dos relatos de mulheres paranaenses que viveram a década de 1960.

"Poucas matérias jornalísticas originam-se integralmente da observação direta. A maioria contém informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público". (LAGE, 2001, p. 21). Levando em consideração o pensamento de Lage, na importância de realizar entrevistas com personagens que fundamentam o trabalho, as personagens foram selecionadas através da realização de um formulário online. Visto que, “é tarefa comum dos repórteres selecionar e questionar essas fontes, colher dados e depoimentos, situá-los em algum contexto e processá-los segundo técnicas jornalísticas”. (LAGE, 2001, p. 21).

Ainda, pensando nas personagens, foram escolhidas somente fontes testemunhais que, como define Lage (2001), "o testemunho é normalmente colorido pela emotividade e modificado pela perspectiva [...]". (p. 29). Dessa forma, para desenvolver este livro-reportagem narrando as memórias das mulheres sobre a década de 1960 no Estado do Paraná, foram entrevistadas fontes diversas e plurais.

## 4.2 PRODUÇÃO

O livro-reportagem intitulado como “Anos que eu vivi”, apresenta as histórias de vida de 12 personagens que viveram no Estado do Paraná durante a década de 1960. São mulheres de todos os âmbitos, classes sociais e regiões do Estado que, durante essa época, atuavam como professora, jornalista, assistente social, socióloga, bancária, empregada doméstica, estudante e dona de casa. Com o objetivo de remontar o cenário em que as personagens estavam inseridas; contar a história sob a perspectiva feminina; e romper o espaço de silêncio sobre as narrativas femininas; é que foram narradas as memórias dessas mulheres paranaenses que viveram “os anos de chumbo” no Estado.

Inicialmente, para a produção deste livro-reportagem realizou-se um planejamento estipulando objetivos, métodos e processos de produção. Após essa etapa, foi necessário se aprofundar no tema escolhido, a fim de compreender e dominar melhor o assunto a ser abordado. Dessa forma, fez-se necessário realizar pesquisas documentais em acervos como na Casa da Memória de Curitiba e na Divisão de Documentação Paranaense (DDP). Além, de sites e acervos digitais como na Hemeroteca Digital, entre outros. Ainda, a pesquisa também se deu por meio de consultas a outros materiais como livros, artigos e monografias que tratassem da mesma temática abordada neste trabalho.

Definido que o livro-reportagem contemplaria somente fontes testemunhas, foi utilizado o procedimento de pesquisa de campo por meio de um formulário online que, além de servir como uma pré-entrevista, ajudou com a obtenção de informações e dados sobre a vida das mulheres paranaenses. O questionário foi compartilhado em grupos nas redes sociais como no Facebook e WhatsApp, com o objetivo de alcançar o público alvo. Por meio deste questionário<sup>4</sup> - que se encontra em anexo -, estruturado com questões que abrangem desde o contexto familiar até o social durante a década de 1960, possibilitou-se comprovar se todas as fontes possuíam o perfil desejado para compor este trabalho. E, após as fontes responderem esse questionário, as entrevistas eram marcadas.

Sabe-se da importância para a construção de uma grande reportagem o ato de realizar a entrevista presencialmente. “A rigor, entrevista significa um diálogo olho no olho, feito entre as vistas dos interlocutores”. (BELO, 2006, p. 101). Entretanto,

---

<sup>4</sup> O formulário também pode ser acessado em: <https://forms.gle/7SRPzfhYc41sPK53A>

devido a pandemia da Covid-19 - que se estendeu até a realização das entrevistas -, e a facilidade de acesso por meio de outros meios, foram realizadas entrevistas de forma remota, por intermédio de chamadas de voz.

Contudo, realizar a entrevista sem ter esse contato face a face, não implicou na perda da qualidade da apuração, visto que, a entrevista online seguiu os mesmos procedimentos e critérios jornalísticos do que uma entrevista presencial. Assim, como concorda Belo (2006), que "o conceito de entrevista empregado aqui, portanto, leva em conta essas mudanças." (p. 101).

Selecionadas as personagens, que correspondem a mulheres acima dos 70 anos, foram combinadas as entrevistas remotamente. Por pertencerem ao grupo considerado de risco do coronavírus e, ainda, algumas se encontrarem em outras localidades do Estado, todo o processo, desde localizá-las até realizar as entrevistas, foi feito de forma remota. A maioria dos depoimentos foram obtidos por meio de entrevistas realizadas por chamada de voz pelo aplicativo WhatsApp. Apenas duas das entrevistadas, em razão da não familiaridade com a tecnologia e pela maior proximidade, optaram pela entrevista de forma presencial - com o consentimento de ambas e seguindo todos os protocolos de segurança contra a Covid-19.

A decisão de realizar as entrevistas por chamada de voz pelo WhatsApp se deu pela facilidade e maior familiaridade das demais participantes com esse meio de comunicação, visto que, é o aplicativo de mensagens mais utilizado no Brasil, com 99% dos usuários tendo a ferramenta instalada no dispositivo.<sup>5</sup> A escolha também se deu pelo fato de ser necessário gravar as entrevistas para depois realizar a decupagem, e essa ferramenta ser uma das poucas que ofereciam essa possibilidade.

Como critério da autora, os depoimentos não foram reescritos ou modificados. Se valendo apenas do papel de narradora observadora, os relatos foram transcritos em primeira pessoa, da mesma forma que foram contados durante a entrevista. Ainda, buscou-se seguir com a narrativa não-linear. Ou seja, quando não se segue uma sequência cronológica clara entre os acontecimentos. O motivo para utilizar essa técnica narrativa se deu pelo desejo da autora em produzir um livro-reportagem

---

<sup>5</sup> Segundo uma pesquisa realizada pelo Mobile Time em parceria com a Opinion Box e a Infobip. Disponível em:

<https://blog.opinionbox.com/apps-de-mensagens-no-brasil/#:~:text=O%20WhatsApp%20continua%20sendo%20o,aplicativo%20instalado%20em%20seus%20smartphones>

em que o leitor tivesse a liberdade para seguir com sua própria ordem de leitura, escolhendo por qual caminho seguir, ou seja, por qual depoimento iniciar ou terminar a leitura. Por mais que as histórias contadas por essas personagens tivessem elementos que as ligassem entre si, não foram o suficiente para criar uma unidade editorial de forma a separar cada depoimento em um capítulo. Dessa maneira, possui apenas um capítulo que se refere aos depoimentos.

### 4.3 PÓS-PRODUÇÃO

O livro-reportagem é composto por doze mulheres paranaenses de várias regiões do Estado, sendo elas: Carmen da cidade de Curitiba; Nair da cidade de Sengés; Maria Aparecida da cidade de Paranaíba; Maria Senhora da cidade de Assis Chateaubriand; Valda da cidade de Londrina; Maria Adelaide da cidade de Paranaguá; Elisabeth da cidade de Paranaíba; Eulina da cidade de Santa Mariana; Maria Aparecida da cidade de Mandaguçu; Marlene da cidade de Antonina; Sirlei da cidade de Campo Mourão; e por fim, Noemi da cidade de Curitiba.

Para os depoimentos estarem presentes nesta obra, se fez necessário ter autorização de uso de imagem de todas as entrevistadas, bem como, a autorização para publicação de imagem fotográfica, visto que, em uma das seções do livro-reportagem é apresentado fotografias da época dessas personagens. Apesar da autorização de todas as fontes, as personagens foram identificadas apenas com o seu primeiro nome e a cidade que residiam durante a década de 1960. Essa escolha se deve pelo fato da autora querer preservar e garantir a segurança das doze mulheres paranaenses presentes no livro-reportagem.

Além dos relatos das 12 personagens, é apresentado no início de cada capítulo, citações de algumas personalidades femininas, sendo a maioria autoras paranaenses. Como critério para a escolha dessas personalidades, foi levado em consideração possuírem em comum com as personagens a conterraneidade. Além do fato de quase todas - com exceção de duas personalidades - também terem vivido o período da Ditadura Militar no Brasil, assim como as personagens.

No entanto, para selecionar as citações que abrem cada depoimento, foi necessário realizar uma curadoria. Dessa forma, a proposta se deu em trazer frases das paranaenses Alice Ruiz: poetisa engajada e compositora brasileira; Helena Kolody: considerada a mais importante poetisa do Paraná e uma das primeiras



autoras de haikais do país; Júlia da Costa: uma das pioneiras da literatura paranaense; Adélia Maria Woellner: escritora e integrante da Academia Paranaense de Letras; Marianna Coelho: uma das escritoras mais importantes e precursora do feminismo no Brasil; Além de outras duas brasileiras, sendo a Cora Coralina: uma das poetisas mais importantes do país; e a Clarice Lispector: jornalista e considerada uma das escritoras mais notáveis do século XX. Ainda que essas citações não tenham sido escritas durante a década de 1960, foram escritas por mulheres que enfrentaram o preconceito durante épocas em que a figura da mulher era limitante. Por isso, se relacionam de maneira direta com cada depoimento presente neste livro-reportagem.

Além dos depoimentos, também utilizou-se a fotografia como um elemento de destaque. Visto que, é possível por meio da linguagem imagética ampliar a visão sobre a temática tratada, aproximar o(a) leitor(a) das histórias apresentadas e gerar uma conexão e um maior sentimento de empatia. Para tanto, foram reunidas na seção "Álbum de Fotografias", imagens de acervo pessoal dessas personagens feitas durante a década de 1960. Por serem fotografias antigas - em preto e branco -, estão com baixa resolução, devido a limitação tecnológica da época. Por meio dessas fotografias, no qual as personagens concederam os direitos assinando o termo de uso de imagem, se tornou possível enriquecer e amplificar ainda mais o conteúdo apresentado nesta obra.

O livro-reportagem possui 64 páginas e é composta por: capa, expediente, dedicatória, sumário, apresentação, introdução, depoimentos, álbum de fotografias, sobre este livro, agradecimentos, referências e sobre a autora. Na seção apresentação, se refere à importância da história familiar da autora na construção do livro-reportagem, visto que, sua relação com a temática se dá por meio do ambiente social/familiar. Já na seção introdução, que abre o conteúdo introdutório da obra, mostra a importância de contar as histórias das mulheres e apresenta, com dados, possíveis razões para a falta de narrativas femininas sobre os feitos históricos. Ainda, nessa seção se encontram marcos da década de 1960 no Brasil e no Paraná, no qual a autora buscou apresentar acontecimentos importantes e definidores para a época. Para chegar a esses marcos foram utilizados os procedimentos de pesquisa de campo através do "Google Buscador" e a pesquisa bibliográfica.

No único capítulo deste livro-reportagem, que se refere aos depoimentos, é narrada, de forma individual, as memórias de vida sobre a década de 1960, de cada

uma das personagens. De forma a complementar os depoimentos, na seção álbum de fotografias, é apresentando fotografias de nove das personagens. São imagens feitas durante a década de 1960 e, por isso, além de serem em preto e branco, estão com baixa qualidade, devido às limitações tecnológicas da época. Ainda, na seção sobre este livro, a autora traz uma reflexão acerca do que encontrou no depoimentos dessas 12 personagens. Por fim, as seções agradecimentos, agradecendo as principais pessoas que contribuíram para este trabalho; as referências bibliográficas utilizadas para a produção do livro e por último a seção sobre a autora, no qual é apresentado um breve resumo sobre a autora.

O livro intitulado de “Anos que eu vivi”, foi publicado digitalmente, ou seja, em formato e-book (na plataforma). Por isso, a configuração, estilo e layout foi pensada seguindo a lógica do digital. Porém, com a diagramação realizada, esta obra também pode ser futuramente impressa, tendo um formato físico. Com a ideia de seguir o estilo de um almanaque, o livro possui a dimensão de uma folha A4 e o texto está configurado em duas colunas. Dessa forma, possibilitou-se diminuir o número final de páginas e também inserir elementos de design como as ilustrações apresentadas ao final de cada seção e depoimento.

As ilustrações presentes em cada depoimento, foram escolhidas através de uma curadoria da autora que buscou trazer elementos que se relacionassem diretamente com as histórias narradas pelas personagens. Portanto, foram selecionados elementos que representam algum momento ou situação vivida por essas 12 mulheres paranaenses. Com essa organização das páginas e a inserção de elementos de design, a leitura torna-se mais agradável e eficiente.

A produção deste livro-reportagem contou com uma equipe de profissionais composta por: Jeniffer Gutierrez, responsável pela arte e a diagramação; Jaqueline Deina, revisora desta obra; e com a orientação da Profa. Dra. Karine Moura Vieira, formada em jornalismo e com ampla experiência na produção de livros jornalísticos.

O livro-reportagem pode ser acessado através de uma landing page criada por meio da plataforma Wix, no qual, além do e-book estar disponível para download em um formato compatível com todos os dispositivos, há ainda, outras seções como: “sobre este livro”, que apresenta um breve resumo da obra; “personagens” que traz citações retiradas dos 12 depoimentos a fim de instigar a curiosidade e desejo do público em ler a obra; e por fim, a seção sobre a autora. O livro-reportagem intitulado

de “Anos que eu vivi”, pode ser acessado pelo link:  
<https://amandazanlucasilva.wixsite.com/anosqueeuviu>.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de produzir este livro-reportagem foi de narrar as memórias de mulheres que viveram na década de 1960 no Estado do Paraná, apresentando a história de uma das décadas que se tornou conhecida como os “anos de chumbo”, devido ao regime militar implantado no país a partir de 1964, sobre a perspectiva do ponto de vista feminino. Esta obra buscou contar as histórias daquelas que não são mencionadas nos relatos oficiais, a fim de entendermos nossa própria história como mulheres e nosso lugar no mundo.

Com a pesquisa realizada acerca do tema possibilitou-se aprofundar e compreender que mesmo com os avanços em relação a divulgação de textos e materiais produzidos pelas mulheres, são poucas as obras de autoria feminina que retratam a década de 1960, muito menos ainda desse período no Estado do Paraná. Ainda, foi possível perceber por meio dos relatos que, devido aos seus contextos de vida, a maioria das personagens simplesmente ignoraram o período da Ditadura Militar. Por isso, essas mulheres acabaram por se tornar vítimas de um processo de alienação histórica feminina, que fica implícito devido a não terem noção do que acontecia durante a época.

Portanto, através dos relatos e depoimentos das 12 personagens, foi possível atingir os objetivos propostos com a produção deste trabalho, bem como o de remontar o cenário que essas personagens estavam inseridas ajudando a compreender os obstáculos, lutas e expectativas em relação à figura da mulher na década de 1960. Por ser um produto jornalístico, este trabalho possibilita ainda contribuir dando voz a essas mulheres comuns que ao contarem suas experiências conseguiram romper o espaço de silêncio que sempre foi imposto a elas. Além de fomentar e incentivar outras mulheres a entrarem no universo da escrita apresentando cada vez mais a história sobre a perspectiva feminina.

## REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Andreia Doria. **Produzindo textos a partir do gênero relato pessoal**. 84. Tese de mestrado, Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, 2016. Disponível em: <[https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6429/1/ANDREIA\\_DORIA\\_ARAG%C3%83O.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6429/1/ANDREIA_DORIA_ARAG%C3%83O.pdf)>. Acesso em: 09 de agosto de 2021.
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- BONA, Nivea Canalli. **Jornalismo na sociedade**. 1º Edição. Curitiba: Editora Intersaberes, 2017.
- FRANCO, Angélica. Angélica Franco: “O maior trunfo das mulheres no mercado de trabalho é a qualificação.” **Época**. Entrevista concedida a Marina Salles. Disponível em: <<https://epoca.oglobo.globo.com/ideias/noticia/2015/03/angelica-franco-maior-trunfo-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho-e-bqualificacaob.html>>. Acesso em: 16 Sep. 2021.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Edição. São Paulo: Atlas, 2002.
- HESSMANN, Dayane Rúbila Lobo. **Mulheres vermelhas: a escrita masculina sobre a mulher comunista durante a ditadura civil-militar brasileira (1965-1985)**. 2010. Disponível em: <[http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278278447\\_ARQUIVO\\_ARTIGODAYANEHESSMANN-fazendogenero2010.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278278447_ARQUIVO_ARTIGODAYANEHESSMANN-fazendogenero2010.pdf)>. Acesso em: 16 de setembro de 2021.
- LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. 1º Edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.
- LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado: História da Opressão das Mulheres pelos Homens**. 1º Edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.
- LOURENÇO, Silmara Silveira Lourenço; MENDONÇA, Viviane Melo de. A fenomenologia existencial em Paulo Freire: possíveis diálogos. **Filosofia e Educação**, v. 10, n. 3, p. 530-547, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/865326>>. Acesso em: 24 de setembro de 2021.
- Memórias da ditadura - Mulheres**. Acervo Vladimir Herzog. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/mulheres/>>. Acesso em: 25 de março de 2021.
- Mulheres foram parte importante da resistência e luta contra a Ditadura em 1964**. Mídia NINJA. Disponível em: <<https://midianinja.org/news/mulheres-foram-parte-importante-da-resistencia-e-luta-contra-a-ditadura-em-1964/>>. Acesso em: 25 de março de 2021.
- MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo. “**Esse um que só o dois inaugura**”: Alice Ruiz e os anos 1970. Texto integrante dos Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP – UNESP/Assis, São Paulo, julho de 2006. Disponível em: <<http://legacy.anpuh.org/sp/downloads/CD%20XVIII/pdf/ST%2012/Ana%20Carolina%20Arruda%20de%20Toledo%20Murgel.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2021.

OLIVEIRA, Priscila Natividade Dias Santos. **Jornalismo Literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história**. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília/DF; Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 6 a 9 de setembro, 2006. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0717-1.pdf>> Acesso em: 18 de maio de 2021.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 1ª Edição. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

RIBEIRO, Alessandra Stremel Pesce. **Teorias sociológicas feministas: uma breve introdução**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2020.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. **RuMoRes**, v. 7, n. 14, p. 138-157, 2013. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434/72014>> Acesso em: 24 de setembro de 2021.

RODRIGUES, Felipe. **Livro-reportagem: Uma abordagem sobre a cobertura da violência no Brasil**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), São Paulo, 2010. Disponível em:

<<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/271015>>. Acesso em: 19 de maio de 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 1ª Edição, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SALGADO, Danielle. Apps de mensagens no Brasil: confira dados exclusivos. **Blog Opinion Box**. Disponível em:

<<https://blog.opinionbox.com/apps-de-mensagens-no-brasil/#:~:text=O%20WhatsApp%20continua%20sendo%20o%20aplicativo%20instalado%20em%20seus%20smartphones>>. Acesso em: 11 de abr. de 2022.

SANTOS, Thainá Saranholi dos. **Anos dourados no Brasil: A imprensa e o ideário feminino na década de 1950**. 2016. Disponível em:

<[https://unisagrado.edu.br/custom/2008/uploads/anais/historia\\_2016/Anos\\_dourados\\_no\\_Brasil\\_Thaina\\_dos\\_Santos.pdf](https://unisagrado.edu.br/custom/2008/uploads/anais/historia_2016/Anos_dourados_no_Brasil_Thaina_dos_Santos.pdf)>. Acesso em: 01 de Abril de 2021.

TEDESCHI, Losango Antonio. **Os desafios da escrita feminina na história das mulheres**. Raído, v. 10, n. 21, jan./jun, p. 153-164, 2016. Disponível em:

<[https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFGD-4\\_e3f7e56d57601c531ea3bfc1f8a97da3](https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFGD-4_e3f7e56d57601c531ea3bfc1f8a97da3)>. Acesso em: 19 de maio de 2021.

VARGAS, Andrea Quilian de; BENCHIMO, Ana Paula Fogaça; UMBACH, Rosani Ketzer. **A mulher nos anos 60: frágil ou subversiva?** Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo/UFSM, Rio Grande do Sul, v. 24, p. 82–84, julho-dezembro de 2014.

Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/15916>>. Acesso em: 02 de abril de 2021.

WOOLF, Virginia. **As mulheres devem chorar... Ou se unir contra a guerra: Patriarcado e militarismo**. 1ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

## APÊNDICE A - Modelo de questionário

← → ↻ docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeDuR5b9T4WcTBcrrN1FHliSHzOne2ZWWpQ8XEvr4W\_Bteg/formResponse ↗ ☆



### Minha vida na década de 1960

Olá! Você acaba de acessar o questionário sociocultural desenvolvido com o objetivo de coletar alguns dados e relatos acerca da vida das mulheres paranaenses na década de 1960.

O propósito de reunir essas informações é para ajudar na produção de um livro-reportagem que está sendo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para obtenção do grau de bacharel em Jornalismo pelo Centro Universitário Internacional - Uninter.

O questionário é simples, de rápido preenchimento e é muito importante que você responda até o final. Pois, só dessa forma poderei contar com a sua contribuição.

Neste formulário, não serão solicitadas informações como números de documentos, telefone ou outras informações que possam revelar sua identidade e colocar os seus dados em risco.

Caso tenha alguma dúvida ou dificuldade para responder, me contate pelo e-mail [amandanzanlucasilva@gmail.com](mailto:amandanzanlucasilva@gmail.com)

Agradeço pela sua colaboração!

Fonte: A autora (2022).

← → ↻ docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeDuR5b9T4WcTBcrrN1FHliSHzOne2ZWWpQ8XEvr4W\_Bteg/formResponse ↗ ☆

Em qual(is) região(ões) do Brasil você viveu durante a década de 1960?



Região Norte

 Norte



Região Nordeste

 Nordeste



Região Centro-Oeste

 Centro-Oeste



Região Sudeste

 Sudeste

Fonte: A autora (2022).

← → ↻ docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeDuR5b9T4WcTBcrrN1FHliSHzOne2ZWWpQ8XEvr4W\_Bteg/formResponse

## Minha vida na década de 1960

tccjornalismoamanda@gmail.com (não compartilhado)  
[Alternar conta](#)

### Memórias da década de 1960

Nesta seção, gostaria que você contasse algumas das suas memórias em relação a sua vida na década de 1960 no Estado do Paraná. De forma breve e objetiva, conte sobre algumas das suas experiências acerca dessa época como paranaense.

Sugestão de alguns tópicos que você pode abordar na sua resposta:

Como era a sua família na época? E sobre os estudos, como era o colégio/universidade em que estudava? Quais eram as suas amizades durante a década de 1960 e o que faziam? Iam ao cinema? Teatro? Igreja? Como era a cidade/bairro que morava nessa época? A infraestrutura, estabelecimentos e locais que frequentava? Como era a sua relação com a vizinhança?

Qual(is) memória(s) tem da década de 1960?

Sua resposta

Fonte: A autora (2022).

← → ↻ docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeDuR5b9T4WcTBcrrN1FHliSHzOne2ZWWpQ8XEvr4W\_Bteg/formResponse

### Informações de contato

Se você gostaria de ter sua história contada neste livro-reportagem sobre as experiências de mulheres que viveram no Estado do Paraná na década de 1960, deixe sua informação de contato para que possa contatá-la!

Qual o seu nome? \*

Sua resposta

Quer ter sua história contada neste livro-reportagem? \*

Sim

Não

Qual o seu e-mail? \*

Fonte: A autora (2022).